

ESTUDOS CAMILIANOS *

BIBLIOGRAFIA

Para se compreender e criticar a obra de determinado escritor, mórmente quando essa obra é vasta como a de Camilo ou Teófilo, são imprescindiveis tres factores basilares: — «biografia», sua «bibliografia» e «critico-bibliografia».

Na «biografia» encontram-se os elementos psicológicos e etogenicos: ascendencias, local do nascimento, epoca em que floresceu, amôres e desventuras, — cujo reflexo é notório no romance e na novela, — os processos de trabalho, tudo, enfim, são elementos contribuitivos para se interpretar a obra do escritor em todas as suas modalidades. E' o caso: — a vida psicológica e mental, a influencia moral e social exercidas, são focadas para se estudar o artista e o sociologo na integralidade da sua obra ¹.

Paralelamente á «biografia» colocarei a «critico-bibliografia»; isto é, o elenco cronológico dos escritos encomiásticos e criticos á obra do artista. No artigo de jornal, ou mesmo em livro louvaminheiro o elogiado, — quando ainda na pleiada dos novos — só pode encontrar prejuizo, emquanto que da critica sincera, criteriosa e boa conselheira, se a uns irrita a muitos beneficia. E' a critica o principal influente para o aperfeiçoamento artistico — e quando digo artistico refiro-me á «forma» — em vindouros trabalhos.

Camilo se foi para clinicos «um bom caso» é para bibliografos um «bom motivo».

Analisemos. Como poderá o critico apreciar a *Filha do Arcediago*, impressa em 1855, e *A Brasileira de Prazins*, impressa em 1882, sem conhecer as fontes inspiradoras dêsses romances, sem averiguar o estado psicológico de Camilo, e sem conhecer a influéncia da critica operada no Mestre.

Já a proposito da utilidade da bibliografia aplicada á critica literária alguém escreveu: — «o bibliografo inventariará tambem tudo que subsidiar o estudo critico, portanto tudo que tiver algum significado biográfico, psicológico e critico, que vem a ser do autor, cartas, memo-

¹ Quinquagenario 1858 a 1908. Cincoenta annos de actividade mental de Theophilo Braga. Lisboa, 1908. p. vii.

* NEVES, Álvaro — *Estudos Camilianos: Bibliografia. Biblioteconomia*. Lisboa, Ernesto Rodrigues, 1917.

rias, apontamentos, etc. e de outros, opiniões e estudos criticos.» — e acrescenta — «Aqui é que o expediente e bom senso do bibliografo são postos à prova; terá de escolher para evitar superabundancias escusadas e até prejudiciais, terá de resumir para evitar repetições inuteis. E' a parte mais pessoal e mais inteligente da tarefa bibliográfica». ¹

Ora em bibliografia não existem «superabundancias escusadas» nem «repetições inuteis», como em arquivologia não ha documentos sem importância. Tudo são pequeninos subsídios com seu relativo valor. As varias edições d'um escrito são prova evidente de quanto êsse escrito caiu no agrado do público, e êsse agrado é maior ou menor consoante o periodo intermediário das varias edições. Logo a necessidade de todas serem descritas, porque não basta sómente indicar «varias edições» d'um livro, é preciso para cada edição sua cóta a qual deve ser a fotografia literária da espécie citada.

Se na bibliografia de Camilo eliminar-mos as repetições do *Amor de Perdição* os pormenores apontados ficam desconhecidos. Mais ainda. Restringindo-se ás edições primitivas e deprezando as sequentes na bibliografia de determinado escritor, e tendo essas edições posteriores variantes notaveis, vamos implicitamente abandonar outros não menos preciosos elementos de estudo. E' pelo cotejamento das varias edições que podemos conhecer a tortura do estilo do escritor. Sob este ponto Camilo não oferece discussão. «A sua prosa sahia prompta». ² No entanto, temos o exemplo em Eça. «Eça de Queirós foi um dos maiores atormentados do estilo em Portugal.» ³

Como fica demonstrado, em bibliografia tudo é utilíssimo, e quanto mais pormenorizado fôr o trabalho bibliográfico respeitante a qualquer escritor ou assunto melhor ele atingirá o seu objectivo.

★

Ao declinar do século passado a bibliografia aparece-nos como ciência basilar. Ela é imprescindível para os mais complexos problemas scientificos ou estudos literários. «Apesar da sua incontrastavel utilidade, a bibliographia não conta, por emquanto, em todas as nacionalidades, senão um numero relativamente limitado de cultores, que a ela se prendem com provado bom senso e acurado empenho.» ⁴ Todavia essa ciência não admite arbitrarismos. Estuda-se como o Direito, tem regras como a Química, encantos como a Pintura. Que pretende a Bibliografia? Servir como que de roteiro ao cientista, ao historiador e ao critico.

Dos trabalhos bibliográficos concernentes a Camilo, até agora publicados, nenhum atinge aquele objectivo:

¹ Fidelino de Figueiredo. *Critica Litteraria como sciencia*. 2.ª ed. p. 49.

² e ³ Forjaz de Sampaio. *Chronicas Immorae*. 1908. respectivamente pags. 274 e 272.

⁴ José Antonio Moniz. *Summario das Lições de Bibliologia*. 1890-1891. p. 7.

Lima Calheiros ¹ cingiu-se a redactar o catalogo das obras do Mestre existentes na Biblioteca Pública Municipal do Porto;

Silva Pinto cita os titulos dos livros de Camilo como dados «para a formação da mais completa lista bibliográfica.» ²

Henrique Marques conquanto apresente trabalho materialmente completo «para não amalgamar» ³ dividiu-o em grupos distintos. Assim esse monumento —, porque monumento é, e grandioso, — perdendo a verdadeira objectividade da bibliografia vai prestar revelante serviço á biblioteconomia.

Henrique Marques com muita consciencia e maior veneração por Camilo pretendeu fazer resaltar a obra propriamente da autoria do genial escritor consoante o seu maior ou menor valimento. Esse metodo, já anteriormente utilizado por Inocêncio, ⁴ Brito Aranha, ⁵ — em começo, — e posteriormente pelo sr. Joaquim de Araújo, ⁶ tem inconvenientes. Sem receio de contestação plausivel êsse método é comparável ao catalogo-metódico das bibliotecas, hoje universalmente condenado.

Por êsse processo os prefácios e outros pequenos escritos ficam arredados, quiçá como obras inferiores, quando em bibliografia não ha obras inferiores ou superiores porque todas são fructo da mesma individualidade. Não podemos tambem ver a actividade intelectual do escritor na sua evolução.

Se tomando por modelo a *Bibliografia Camilliana* pretender-mos elaborar a de Gomes Leal vamos colocar em quinto logar a peça justificadora da maior transição idealista da obra do genial poeta.

Nem mesmo para o estudo do escritor sobre determinado ponto de vista êsse plano pode ser utilizado. Para se estudar Camilo como filólogo ou etnógrafo, as suas crenças religiosas ou ideais politicos, elaboram-se índices ideográficos remissivos á sua bibliografia geral, e esta redigida cronológicamente.

Teófilo Braga construindo o capitulo da valiosa *Historia da Litteratura Portuguesa* referente a Bocage, ⁷ ou escrevendo a obra de Garrett, ⁸ procurou os alicerces bibliográficos delineados na sua ordem cronológica mostrando assim a vantagem dêssa ordem.

¹ *Catalogo das obras de Camillo Castello Branco (Visconde de Correia Botelho) coordenado por J. P. L. 1.º official da Bibliotheca Municipal do Porto. Porto. Imprensa Civilização. 73 Rua de Santo Ildefonso 77. (Largo da Pocinha) 1889. O autor é José Pedro de Lima Calheiros.*

² *Os contemporaneos. Camillo Castello Branco. Preço 200 réis. Paris. Aillaud. 1889.*

³ *Bibliographia Camilliana por Henrique Marques. Primeira parte. A obra de Camillo. Lisboa. Livraria de Antonio Maria Pereira — editor. MDCCCXCIV. pag. 7.*

⁴ e ⁵ *Diccionario Bibliográfico Português, varios artigos.*

⁶ *Ensaio de Bibliographia Antheriana. p. 1.*

⁷ *Historia da Litteratura Portuguesa. Bocage. Sua vida e epoca literaria por... Porto. Livraria Chardron. 1902. p. 517-536.*

⁸ *Garrett e a sua obra... Lisboa. 1905. p. 149-166.*

Então sim, essa bibliografia do escritor — amalgamada na opinião de Henrique Marques — atinge o verdadeiro alcance porque é o roteiro «do Espírito pelo torturante paiz do Pensamento..»¹

Emquanto a bibliografia de Camilo não representar o diário da sua mentalidade, essa bibliografia não atingiu o objectivo e o Mestre não pode ser devidamente apreciado. Como Camilo o Garrett, como Herculano o Castilho, todos os escritores, de todas as épocas e nacionalidades. Eis o meu critério sob a bibliografia Camiliana.

BIBLIOTECONOMIA

Designa-se «biblioteconomia» tudo quanto se relaciona com a organização de bibliotecas. Este interessante e assaz complexo assunto merece monografia especial² pela sua importancia bibliologica.

Porem neste lugar o meu tema é restrito á formação scientifica d'uma Camiliana.

Sintetizando esta palavra o agrupamento de tudo quanto se prenda com esse gigante da literatura portuguesa, a base organizadora é a «bibliografia» e a «critico-bibliografia.»

Esses inventarios, numerando cronológicamente do maior volume ao pensamento perdido em despresado almanaque, servem de guia ao bibliofilo para conquistar dia a dia as já inumeras especies.

Estabelecem os rudimentares princípios de biblioteconomia que se arrumem os livros dividindo-os por formatos, ou melhor direi por alturas: — pequenos, médios e grandes. Sem deixar-mos de ter presentes esses princípios o plano de arrumação da Camiliana está, com pequena diferenca, traçado pelo sr. Henrique Marques.

Se uma grande biblioteca é seccionada, tambem devemos engrupar estas colecções. Subordinada a esta orientação elaborei o seguinte esquema:

- | | | |
|---|---|---|
| I | { | A — Originaes |
| | | B — Traduções. |
| | | C — Livros com advertencias, apreciações, cartas, introduções, juizos criticos, preambulos, proemios, prefácios, ou qualquer outro escrito de Camilo. ³ |
| | | D — 1.º — Numeros unicos ou extraordinarios, ou ainda publicações de natureza identica.
2.º — Revistas Literárias e Jornais dirigidos por Camilo.
3.º — Revistas e Jornais com colaboração. |

¹ J. d'Araujo. *Ensaio de Bibliographia Antheriana.*

² Das minhas dissertações e estudos fazem parte:
Arquivologia em Portugal. Dissertação. 1913.
Biblioteconomia. Estudo. 1905-1914.
Paleografia. Estudo. 1913.

Trabalhos estes que... esperam editor.

³ Reuni os grupos 3 e 4 da *Bibliographia Camilliana* de H. Marques.

- II { E — Livros de critica, apreciação, homenagem ou referencia a Camilo
 { F — Jornais e Revistas igualmente de critica.
- III { G — Biblioteconomia.
 { Bibliografia e Catalogos.

Devemos interpretar I e II como estantes, — visto o III ser constituído por limitadíssimo numero de especies de consulta constante, — e as letras A e F são grupos, que podemos representar por prateleiras.

Dentro de cada grupo as especies são colocadas por ordem cronológica, aparecendo a mesma obra em tantos sitios quantas as edições que tiver. Dirão que será mais racional juntal-as. Concordo, mas essa junção provocará, dia a dia, o deslocamento de livros, de prateleira para prateleira afim de entrarem novas especies. E' mais racional? é, mas menos pratico.

Os folhetos devem-se colocar em caixas¹ e estas arrumadas na altura correspondente á data do primeiro opusculo que contiver essa caixa.

Este plano biblioteconomico empregado para uma Camiliana, Herculaniana, Garrettiana ou Teofiliana não pode ser integralmente utilizado para uma biblioteca de especialidade. Citarei a proposito o plano adótado na minha biblioteca de obscuro bibliografo e biblioteconomista. Apresento-o atendendo a que a maioria dos bibliofilos tem nas suas bibliotecas nucleos destes ramos de sciência.

A — Biblioteconomia.²

B — *Dicionário Bibliográfico Português* e criticos e anotadores do *Dicionário*.

Dicionário Bibliográfico Brasileiro, por Sacramento Blak, e criticos e anotadores a êsse *Dicionário*.

C — Estudos Bibliográficos, e historias de literatura e «heraldica literaria», — (*Ex-libris*).

D — Catalogos de bibliotecas particulares.

E — Catalogos de leilões.

F — Catalogos de exposições e bibliotecas públicas.

G — Catalogos de Livreiros.

H — Revistas, jornais da especialidade e miscelaneas jornalisticas compostas de numeros de jornais e revistas com artigos bibliograficos.

Desnecessario é recordar que cada nucleo deve coordenar-se cronológicamente, permitindo tornar a bibliografia, não só como guia, mas tambem como catalogo.

¹ Na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, essas caixas teem a forma de livro e são em madeira. Na minha modesta biblioteca, se como tal posso considerar os meus companheiros de trabalho, uso pastas com lombadas de cartão, e essas pastas dentro de caixas de forma que na estante tomam o aspecto de livro.

² Theodor Gar na *Lecture di Bibliologia*. Torino, 1868, cita muitos livros estrangeiros, sobre este assunto, mas a todos suplanta. A. Cim. autor da obra intitulada *Le Livre*.

Explanei sobre bibliografia quanto penso e sei da utilidade dessa sciência á qual consagro vinte anos de estudo. Sobre biblioteconomia, respeitando sempre os principios bibliologicos, expuz quanto a pratica nêsse tempo me ensinou.

Se outro merecimento não tem este trabalho tem — creio eu, — o de assinalar o inicio das publicações biblioteconomicas em Portugal.

BIBLIOTHECAS POPULARES *

Um dos mais vivos desejos que temos tido é o de ver creadas n'esta cidade uma ou mais bibliothecas populares, onde os operarios achassem meios faceis de adquirir a necessaria instrucção.

Com a coadjuvação de alguns amigos tratámos activamente em 1871 e 1872 de fundar a bibliotheca da sociedade *Terpsichore Conimbricense*, para o que não só solicitámos de muitos individuos particulares, mas das repartições publicas, com auctorisação do governo, numero-sissimos livros, chegando pela nossa parte a dar para essa bibliotheca *todos os livros que então possuíamos*; pois que os livros que hoje temos os havemos adquirido á força de muitas diligencias e não poucas despezas n'estes ultimos 11 annos.

Ao mesmo tempo que procuravamos fundar a bibliotheca da sociedade *Terpsichore Conimbricense* não nos poupavamos a diligencias para que a *Associação dos Artistas* d'esta cidade creasse outra bibliotheca.

Serviu para isso de importante auxilio um donativo de livros do estado, que em 1870 fez á nascente bibliotheca o illustrado ministro da instrucção publica, e nosso particular amigo, o sr. conselheiro D. Antonio da Costa Sousa de Macedo.

A bibliotheca da sociedade *Terpsichore Conimbricense* chegou a estar muito florescente. Mudou posteriormente de nome, chamando-se agora *Centro promotor de instrucção popular*.

Infelizmente foi tomando uma feição exclusiva de divertimento e jogo, o que nos desgostou, e nos levou a deixar de a frequentar.

Ainda assim parece-nos que era possível tornar a rehabilital-a, conciliando a instrucção com as distracções, satisfazendo assim a todos os gostos.

Em quanto á bibliotheca da *Associação dos Artistas*, a actual gerencia d'esta sociedade, a fim de lhe dar algum impulso, nomeou este anno uma commissão, da qual nos convidou a fazer parte, enviando-nos o seguinte officio:

Associação dos Artistas de Coimbra. — Sr. — Participo a v. que o conselho administrativo da Associação dos Artistas de Coimbra, desejando elevar a mesma Associação á altura

* CARVALHO, Joaquim Martins de — *Bibliothecas populares*. «O Conimbricense», Coimbra, 15 Dez., 1883, p. 1-2.

para que foi instituída, resolveu em sua sessão de 23 d'Abril ultimo, e sob proposta do ex.^{mo} presidente, nomear uma comissão, a fim de elaborar o regulamento, dotação e augmento da nossa bibliotheca.

Esta comissão ficou composta dos seguintes cavalheiros: Joaquim Martins de Carvalho, Augusto José Gonçalves Fino, João da Costa e Mello, Augusto Pinto Tavares e Antonio de Paula e Silva.

Deus guarde a v. — Coimbra, 25 d'Agosto de 1883.

..... Sr. Joaquim Martins de Carvalho. — O vice-presidente — *Francisco Marques Perdigão*.

O grande intervallo que houve entre a resolução do conselho da *Associação dos Artistas* e a expedição do officio — 23 de Abril a 25 de Agosto — deu logar a perder-se o melhor tempo do anno, em que os dias são maiores.

Exactamente em Agosto resolveu a *Escola livre das artes do desenho* promover uma exposição de manufacturas do districto, fazendo-nos a honra de nos convidar para presidente da comissão executiva de mesma exposição; e assim se veiu juntar á nossa vida já muito laboriosa, uma accumulção de trabalho extraordinario, o que nos impossibilitou completamente de attender á incumbencia que nos fez a *Associação dos Artistas*.

Entendemos dever dar a esta sociedade a explicação do motivo por que não satisfizemos ao seu pedido.

Ao mesmo tempo que as bibliothecas populares estão em Coimbra sem produzir os fructos que era para desejar, vemos que n'outras terras do paiz elas prosperam.

De Guimarães nos foi ha dias communicada a seguinte informação:

Sociedade Martins Sarmiento

«Continuam as offeras de livros a esta benemerita aggremação vimaranense, cuja bibliotheca conta já cerca de 10:000 volumes. Os ultimos offerentes foram os srs. drs. A. G. da Costa Freitas, Adolpho Salazar, Filippe Simões, J. Pinto de Queiroz, etc.

A matricula do curso nocturno de francez fechou-se com 24 alumnos, quasi todos gratuitos e adultos. O de desenho é frequentado por igual numero de individuos.

As differentes aulas do Instituto Escholar da mesma sociedade são cursadas por cento e tantos alumnos, entre gratuitos e de paga.»

Em Lisboa é muito lisonjeiro o movimento nas bibliothecas populares municipaes.

A esse respeito dá o nosso estimado collega do *Diario de Noticias* as [sic] seguintes e muito satisfatorios esclarecimentos:

«Augmenta progressivamente de mez para mez a frequencia das tres bibliothecas populares municipaes, a que as classes populares affluem a procurar a leitura que mais ou menos lhes illustrem o espirito, sentindo-se os symptomas de um forte desejo de aprender, que deve,

por todos os modos, ser auxiliado, fornecendo-se-lhes, quanto possível, leituras proveitosas, ao escolher os livros para essas bibliotecas, algumas das quaes são estabelecidas nos bairros em que habitam as classes de menos teres.

O municipio, que inaugurou estas instituições para o povo, em condições tão promettedoras, satisfazendo o pensamento do legislador, e que tem a honra de as ver adquirirem exito compensador dos seus esforços, deve continuar a protegê-las, não só sancionando a sua organização, legalizando a situação do seu pessoal, que nos parece intelligente e dedicado, como procurando para ellas uma selecção de obras que deem solida e positiva instrucção ás classes que mais as frequentam. Esta aspiração pôde realisar-se com o auxilio d'esse mesmo pessoal insinuando-o n'um conveniente criterio.

Os boletins dos mezes de Outubro e Novembro, que devemos á benevolencia do sr. bibliothecario geral, apresenta [sic] os seguintes resultados: No mez de Outubro foram pedidas, nas tres bibliothecas 3:044 obras, sendo 1:100 na n.º 1, 1:065 na central, e 879 na n.º 2. No mez de Novembro, foram pedidas 3:306 obras, sendo 1:472 na n.º 1, na central 952, e 878 na n.º 2. O total das obras pedidas nos dois mezes foi de 6:350. O total dos leitores nos dois mezes, foi de 3:985: d'estes, 1:959 eram estudantes, 715 têm a nota de artistas, 457 a de operarios, e 84 a de industriaes, dando estas tres classes cuja divisão para a classificação do mappa nos não parece cousa muito facil de fazer nas bibliothecas, um total de 1:256 leitores; 207 leitores eram militares, 273 têm a classificação de funcionarios publicos e 252 eram commerciantes.

Assim a frequencia maior é de estudantes; seguem os artistas, operarios e industriaes, os funcionarios publicos, os commerciantes e os militares. A maior concorrência é á noite. Entre as 6:350 obras pedidas, 2:141 eram de sciencias, 121 de artes, e as restantes de litteratura, pela maior parte romances.»

Chamamos para este objecto a attenção do publico d'esta cidade e em especial para os membros do *Centro promotor de instrucção popular* e *Associação dos Artistas*.

A *Escola livre das artes do desenho* está-lhes dando um muito louvavel exemplo de actividade, e por isso não devem as duas referidas associações deixar de empregar todas as diligencias para promover quanto possível a instrucção nas classes populares.

Esperamos que os nossos votos sejam attendidos, porque vae n'isso muita utilidade para esta terra.